Perspectivas & Diálogos: Revista de história social e práticas de ensino
ISSN 2595-6361, v. 8, n. 15 – 2025
DCH – UNEB / *campus* VI

Artigo

REVOLUÇÃO CUBANA, GÊNERO E IMAGENS: COMPARAÇÃO ENTRE DOIS LIVROS DIDÁTICOS (BRASIL E CUBA)

CUBAN REVOLUTION, GENDER AND IMAGES: COMPARISON BETWEEN TWO TEXTBOOKS (BRAZIL AND CUBA)

REVOLUCIÓN CUBANA, GÉNERO Y IMÁGENES: COMPARACIÓN ENTRE DOS LIBROS DE TEXTO (BRASIL Y CUBA)

Andréa Mazurok Schactae
Instituto Federal do Paraná/Universidade Estadual de Ponta Grossa
aschactae@gmail.com
ORCID: 0000-0002-2597-4472

Resumo:
O presente texto apresenta uma análise de gênero sobre a Revolução Cubana, a partir de uma metodologia da histórica comparada e utilizando como fontes as imagens presentes em dois livros didáticos, um brasileiro outro cubano. A partir da orientação dos estudo sobre a utilização das imagens como fontes histórias e a categoria gênero, os conceitos de representações e masculinidade hegemônica, as fontes foram selecionadas e analisadas. A seleção foi orientada pelas temáticas: homens, mulheres e guerrilheiros/as, e pela qualidade das imagens.
Palavras-chave: imagens e gênero; masculinidade; revolução cubana e livro didático.

Abstract:
Este texto presenta un análisis de género de la Revolución Cubana, a partir de una metodología histórica comparada y utilizando como fuentes las imágenes presentes en dos libros de texto, uno brasileño y otro cubano. A partir de la orientación de estudios sobre el uso de imágenes como fuentes de la historia y la categoría de género, los conceptos de representaciones y masculinidad hegemónica, se seleccionaron y analizaron las fuentes. La selección estuvo guiada por la temática: hombres, mujeres y guerrilleros, y la calidad de las imágenes.
Keyboards: imágenes y género; masculinidad; revolución cubana y libro de texto.

Resumen:
This text presents a gender analysis of the Cuban Revolution, based on a comparative historical methodology and using as sources the images present in two textbooks, one Brazilian and the other Cuban. Based on the guidance of studies on the use of images as sources of history and the gender category, the concepts of representations and hegemonic masculinity, the sources were selected and analyzed. The selection was guided by the themes: men, women and guerrillas and the quality of the images.
Palabras clave: images and gender; masculinity; cuban revolution and textbook.

CC BY

Recebido: 24 de janeiro de 2025
Aprovado: 17 de outubro de 2025
Publicado: 12 de novembro de 2025

Introdução[1]

A Revolução Cubana é um processo histórico, construído na segunda metade do século XX, no Ocidente, especialmente na América Latina. As fotografias de homens jovens, barbudos e com armas são constitutivas das memórias desse processo, iniciado em meados dos anos de 1950. Para contribuir com as reflexões voltarei o olhar para as imagens da Revolução Cubana, nos livros didáticos, pois, a leitura de livros didáticos e o ensino praticado, com o apoio dos livros didáticos, são práticas que contribuem para construção, reprodução e desconstrução dos espaços sociais e culturais, bem como, das representações sociais (Chartier, 1990).

Entendendo que as representações são formas de percepção do social que produzem e reproduzem discursos e práticas, bem como buscam legitimar ou justificar para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas. Sendo elas determinadas pelo grupo que as forjou, o resultado é a existência de diferentes representações, as quais estão relacionadas a uma multiplicidade de práticas e construções discursivas que resultam na construção de mundos sociais, construções simbólicas, legitimação de poder e identidades (Chartier, 1990, p. 17-18), bem como, relação de gênero (Scott, 1995). Portanto, as fotografias que constituem o conteúdo sobre a Revolução Cubana, nos livros didáticos, produzem e reproduzem representações sociais generificadas, as quais podem influenciar nas construções das realidades, conforme destacam Joan Scott (1995) e Roger Chartier (1990).

Vale destacar que foi apenas no final do século XX, que o conceito de gênero foi adotado como categoria de análise. Portanto, o gênero como ferramenta da análise faz parte de um debate político, que influenciou a pesquisa acadêmica. No campo da História, essa categoria surge nas reflexões que ocorreram nos estudos de História das Mulheres e dentro do movimento feminista (Pedro, 2005; Scott, 1992). A busca pela legitimidade desses estudos, no campo acadêmico, é um dos aspectos que direciona as feministas a adotarem uso do termo gênero (Scott, 1995).

Gênero é uma ferramenta de análise (Scott, 1995) que objetiva romper com os estudos separados e problematizar as relações sociais, os discursos, as imagens, os símbolos, a política, as instituições, etc. Portanto, permite problematizar as construções

[1] O artigo é uma continuidade das reflexões iniciadas no artigo: A Revolução dos Guerrilheiros em Cuba: um estudo de gênero e imagens (Schactae, 2024), bem como, de análises presentes em outros textos, publicados em eventos, no ano de 2024: Fazendo Gênero 13 e XVII Encontro Estadual de História: Desafios contemporâneos: os lugares das/dos historiadoras/es, Anpuh, Rio Grande do Sul.

das relações sociais, com base nos significados construídos sobre as diferenças sexuais. Esses significados estão nos símbolos; nos discursos; nas práticas e nas representações; nas identidades; nos espaços sociais, e sendo assim, nos livros didáticos. Ao permear a construção das relações sociais e dos saberes, o gênero dá significado as relações de poder. Sendo a história um saber, também é constituída pelo gênero, e orienta a construção de representações sobre as realidades e práticas sociais, bem como símbolos e imagens (Scott, 1995; 1994).

Com foco nas representações de gênero sobre a Revolução Cubana, o presente texto apresenta uma análise comparativa de fotografias, e é a continuidade de uma pesquisa que já possui algumas publicações (Schactae, 2024; 2022; 2020, 2016). Para essa reflexão o recorte é a comparação das fotografias presentes em dois livros didáticos de História, um livro publicado no Brasil (Catelli [et.all], 2020) e outro publicado em Cuba (Callejas Opisso [et.all], 2011), ambos voltados para educação de jovens e utilizados em escolas nesses países, no início do século XXI.

A história comparada é um método utilizado desde o século XIX e tem o historiador Marc Bloch, como um significativo, por ser um dos precursores nos estudos comparados (Prado, 2012). Entre as abordagens comparadas, produzidas por pesquisadoras e pesquisadores brasileiros, no campo da História da América Latina, é possível citar três estudos de História Política. As reflexões de Maria L. Prado (2005), sobre a participação das mulheres nas Independências, no século XIX; as de Maria Helena Capelato (2009), sobre Vargas e Perón, e mais recentemente, o estudo de Fernando Botton (2017), que também realiza uma análise comparada entre Peron e Vargas, com foco na construção das masculinidades.

Entre os estudos comparados de livros didáticos de História brasileiros e cubanos, voltados para o Ensino Médio, está a tese de Ana Luiza Porto (2019), que analisou o sistema educacional e o papel do Estado na escrita da história didática (Porto, 2019, p. 39). Vale destacar que, o Brasil e Cuba possuem políticas públicas de distribuição de livros didáticos para as escolas públicas. Entre as diferenças nas políticas do Brasil e de Cuba estão as escolas, pois em Cuba, todas as escolas são públicas, enquanto no Brasil existem escolas privadas. Sobre os livros didáticos, destaca-se que em Cuba o Estado é responsável pela produção e no Brasil a produção fica destinada ao mercado editorial, cujo material passa por uma análise definida pelo Programa Nacional do Livro Didático

(PNLD), criado em 1985. Também há diferenças significativas na diagramação e nas imagens, no Brasil as imagens são coloridas e em preto e branco, em Cuba, com exceção da capa, todas as demais imagens são em preto e branco (Porto, 2019).

Voltar o olhar, para as imagens da Revolução Cubana, observadas por jovens dos dois países, é um movimento necessário para as reflexões de gênero. Portanto, o recorte metodológico de análise comparativa, das fotografias selecionadas, é uma opção que permite uma reflexão que pode indicar permanências e rupturas sobre a construção de um ideal de masculinidade (Connell, 2005) e sua identificação com o poder do Estado e das armas, nos dois países.

A escolha das imagens, como fontes, também foi influenciada por dois acontecimentos do tempo presente: a Reforma do Ensino Médio, no Brasil, e o discurso do anticomunismo, presente nos dias atuais. A retomada do discurso do anticomunismo, no início do século XXI, no Brasil, conforme destaca a pesquisadora Bruna Pastore (2012), é um fato que contribui para justificar a necessidade de voltar o olhar para as representações de gênero na construção das narrativas sobre a Revolução Cubana, nos livros didáticos. Essa memória pública sobre uma representação do comunismo, retomada no início do século XXI, fortalece ideias de que defender políticas sociais é defender o estabelecimento do comunismo. Sendo que Cuba é utilizada para legitimar esses discursos anticomunistas (Schactae, 2024). Porém, será que há uma diferença significativa nas representações de gênero, nos livros didáticos capitalistas e socialistas?

Também, é necessário lembrar do contexto da Reforma do Ensino Médio (Motta; Frigotto, 2017), dos discursos anticomunista e anti-gênero – os quais influenciam as políticas de educação – (Ralejo; Mello; Amorim; 2021), ao analisar as representações generificadas da Revolução Cubana, em livros didáticos do Brasil e Cuba. Voltar o olhar para as representações generificadas da Revolução Cubana é um recorte significativo para compreender o tempo presente, bem como, observar as proximidades e diferenças das representações de gênero entre os dois países, com foco na construção de masculinidades.

Vale lembrar que, historicamente, nos livros didáticos e fora deles, o Estado, a política e a guerra são espaços representados como pertencentes aos homens, porém, não qualquer homem, mas aqueles que representam um ideal de masculinidade hegemônica (Connell, 2005; Connell, Messerschmidt, 2013). Um ideal constituído por características de uma virilidade, cujos traços se revelam em construções que remetam a força, a coragem, o espírito de sacrifício, a bravura, as armas, a morte em combate... Essa representação, que ainda figura em livros didáticos de História, é significativamente

percebida nas fotografias, que constituem os livros.

Portanto, as imagens são fontes para análise das construções que orientam a definição de símbolos e práticas, identificadores de masculinidades e feminilidades. Entre os símbolos estão os heróis. Aqueles homens, que historicamente são escolhidos porque pertenceram as instituições armadas ou que participaram de conflitos armados. Sendo eles constituídos e representados como identificadores do Estado e de um ideal de masculinidade. Ideal que é constituído por características de uma virilidade orientada pela força, coragem, bravura e o poder das armas, o qual foi construído, no século XIX (Audoin-Rouzeau, 2013). Esses homens, são representados como guias e salvadores do povo, apropriando-se de R. Girardet (1987).

Essas representações do passado, orientam o estabelecimento de um "saber a respeito das diferenças sexuais" (Scott, 1994, p. 12), construídas historicamente e expressas em práticas, símbolos, leis, instituições, imagens... Nos estudos de imagens é importante observar as inscrições que algumas imagens trazem, pois o objetivo desses textos escritos é direcionar a leitura do espectador (Burke, 2004, p. 223). Vale lembrar, que as fotografias são construtoras de narrativa, pois, conforme destaca Boris Kossoy a fotografia tem a pretensão de congelar um instante, que jamais será alcançado novamente, sendo assim, "toda fotografia é um resido do passado" (2001, p. 45), ou ao menos assim pode ser percebida. Além do mais, destaca o autor que:

> (...) Toda fotografia é um testemunho segundo um filtro cultural, ao mesmo tempo que é uma criação a partir de um visível fotográfico. Toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho. (Kossoy, 2001, p. 50)

O olhar, a atitude, os gestos e os elementos que compõem a cena, expressam relações de poder (Sônego, 2010, p. 119), portanto, relações de gênero. Assim, as imagens e as fotografias são fontes para historiadores de gênero, e significativamente aquelas que constituem os textos dos livros didáticos, por influenciarem a formação dos jovens. Nos livros didáticos, as fotografias constituem, para os observadores e as observadoras, uma legitimidade sobre o passado. Voltar o olhar para essas imagens é uma estratégia para compreender o presente e o futuro.

Nos esforços de compreender as imagens, P. Burke (2004) concorda com Maria Mauad (1996), que é uma tarefa que exigem um diálogo transdisciplinar, o qual é

enriquecido com as análises de gênero. Porém, não há uma receita ou um método certo para os estudos da história a partir de imagens e fotografias, é importante analisar os significados das cores, das posições das pessoas fotógrafas, os objetos, as vestimentas, os símbolos e outros elementos que compõem a fotografia em relação ao contexto, as visões dos contemporâneos da imagem e as entrelinhas (Burke, 2004, p. 236 -238).

Para Clifford Geertz, o sentido de uma imagem é resultado das "experiências coletivas" (2008, p. 165), que é a cultura. Portanto, o estudo das imagens é uma compreensão dos símbolos, representações, práticas e relações de gênero que produzem o cotidiano de seres humanos, isto é, o contexto no qual foram produzidas (Geertz, 2008, p. 179-181), mas também, as relações de gênero e o contexto no qual estão sendo utilizadas, para representar o passado. Sendo assim, as fotografias que constituem os livros didáticos, possibilitam análises de representação sociais generificadas, as quais estão vinculadas as sociedades que as usam, bem como, projetam representações para as sociedades futuras, ao se destinarem a formação de jovens.

Os Guerrilheiros e o silenciamento das Guerrilheiras: livros didáticos, imagens e historiografia

As representações sobre o acontecimento que chamamos de Revolução Cubana, apresentam uma tendencia a exaltar um ideal de masculinidade, no cinema, nas fotografias e nos livros didáticos. As fotografias de homens barbudos, com vestes militares e armas se constituem partes das memórias sobre esse acontecimento, no Ocidente. A presença de mulheres na luta armada, nos anos de 1950, normalmente é esquecida ou desconhecida. E o livro didático, entendido como um instrumento de ensino de história, contribui para a construção e reprodução dessa realidade, ao apresentar narrativas sobre o passado, as quais influenciam a construção das realidades presentes e futuras.

A importância do livro didático, para o ensino, é destacada por Itamar Oliveira e Margarida Oliveira (2014), pois "coerente com o valor atribuído ao ensino de História (enraizado na matriz disciplinar – objeto da sua teoria da História), o livro didático é visto como instrumento fundamental para a vida escolar, já que atua, diretamente, na construção do sentido (orientação no tempo)" (Oliveira, 2014, p. 227). Portanto, o livro didático é portador de um saber escolar, que constituem uma cultura (Munakata, 2016, p.

123), e ao se identificar o livro didático como construtor e reprodutor de realidades sociais, cabe uma análise sobre as representações da masculinidade, nas imagens da Revolução Cubana.

As mudanças no Ocidente, a partir do século XIX, com o desenvolvimento da indústria e as uma nova percepção de tempo e trabalho, conforme destaca E. Thompson (1998), apresentam a necessidade de formar futuros trabalhadores e a escola se constituí em um dos espaços de construção de uma nova cultura de tempo e trabalho. Nesse contexto que surgem os livros didáticos, os quais ao longo do tempo "constituem-se em importante veículo de consolidação, difusão universal e perenização das disciplinas escolares" (Munakata, 2016, p. 125).

Em um contexto de mudança no mundo do trabalho, os Estados Nacionais, no século XIX, estabelecem uma padronização do conteúdo e do ensino, a qual é resultante de uma cultura que colocou homens brancos, no centro da nova ordem política e econômica, no Ocidente. Essa prática é percebida ao voltar o olhar para a construção dos símbolos nacionais, pois se observa que os heróis tendem a serem constituídos em símbolos vinculados a ideais de masculinidade viril. Portanto, constituem-se em representações de um ideal de hombridade (Courtine, 2013; Bonino, 2002; Stoner, 2003).

Essa construção tende a produzir o esquecimento da atuação política e de combate, das mulheres. Somente algumas mulheres rompem com o domínio masculino e constituem-se em exceções. Entre elas, está a heroína Joana D´Arc, que é lembrada por possuir qualidades historicamente percebidas como masculinas – a coragem, a bravura e o combate em defesa da Pátria –, mas também é destaca por qualidades historicamente percebidas como pertencentes a identificação do feminino, como a pureza e a virgindade. Para ser aceita, foi transformada de uma mulher transgressora, que ousou romper com padrões estabelecidos para o feminino – cortou os cabelos e se vestiu de soldado, e por sua transgressão foi queimada como bruxa –, em uma heroína e santa (Galvão, 1998, p. 13). Portanto, ocorreu um processo de esquecimento das suas práticas transgressoras, o qual legitima a construção da sacralização. A condição de ser percebida como santa, a coloca como predestinada e as suas virtudes de guerreira, caracteriza por práticas historicamente percebidas como constituintes do que é viril, tendem a ser minimizadas, bem como, suas transgressões do ideal de feminilidade.

Ao olhar para a guerra, Michele Perrot (1991) afirma ela é um ato viril e consolida os papéis tradicionais de homens e mulheres. No entanto, não é apenas a guerra que consolida as diferenças. Estudos confirmam que, no final do século XX, as instituições identificadoras dos guerreiros contemporâneos – polícias e forças armadas – permanecem como domínio do masculino e os espaços de poder são majoritariamente ocupados por homens (Brown, 1996; Jackson, 2006; Carreiras, 2004, Schactae, 2020).

No Brasil, as heroínas também são construídas como modelos de feminilidade. No livro sobre as heroínas Bahianas, publicado em 1972, o qual Bernardino José de Souza apresenta as biografias de Joana Angélica, Maria Quitéria de Jesus Medeiros e Anna Justina Ferreira Nery (Souza, 1972), elas são representadas como exemplos de feminilidade e heroísmo feminino. A Joana Angélica é lembrada como uma religiosa e é identificada como "a primeira heroína da Independência do Brasil, por sua vida santa, dedicada à Igreja, e sua morte brutal: foi assassinada por soldados portugueses" (Souza, 1972, p. 68-69). Ela é um exemplo de mulher que morreu pela liberdade do país. Maria Quitéria de Jesus Medeiros, é identificada como uma transgressora, pois ela cortou os cabelos e se disfarçou de homem, "violentando o destino pacífico de seu sexo, [alistou-se] num batalhão" (Souza, 1972, p. 121). Porém, com o uso das armas, ela lutou com a bravura, a valentia e o heroísmo de um soldado, na defesa da Pátria, esse fato a torna digna de ser reconhecida como heroína. A Anna Justina Ferreira Nery, enfermeira voluntária da Guerra do Paraguai é identificada como "a heroína da caridade" (Souza, 1972, p. 139). Apenas uma das mulheres, identificadas como heroínas, pegou em armas, portanto transgrediu a ordem histórica do poder e foi acusada pelo biógrafo de violentar a sua natureza de mulher, portanto o ideal de feminilidade maternal, o qual é destacado nas outras heroínas: a santidade, o cuidado e o sacrifício.

O ideal de feminilidade maternal também está presente nas biografias de mulheres que participaram das lutas de independência da América Latina. Conforme destacou a historiadora Maria Ligia Coelho Prado (1999), as biografias, produzidas no século XIX e início do século XX, indicam a presença de várias mulheres nas lutas pela independência, muitas das quais ingressam nos exércitos como soldados. Nas narrativas biográficas, escritas geralmente por homens, afirma a historiadora, "as mulheres eram modestas, altruístas, generosas e abnegadas. [...] Suas ações respondiam apenas aos apelos do coração. [...] Naturalmente são apresentadas como modelos de mãe e esposa" (Prado, 1999, p. 46-47). Mulheres rebeldes e que romperam com a ordem, segundo a autora, foram transformadas em "modelos de esposa e mãe, glorificadas por todas as virtudes

cristãs intimamente trançadas com as virtudes patrióticas" (Prado, 1999, p. 51). Os biógrafos, continua a autora, retiram-nas do espaço público e devolvem nas para o espaço privado, enquanto a historiografia contemporânea, sobre as independências, tende a silenciar-se sobre a ação das mulheres naqueles processos históricos. O silêncio da historiografia sobre a participação das mulheres nas lutas armadas na América Latina, dos séculos XIX e XX, bem como a permanência do modelo de feminilidade quando se escrevem biografias de mulheres que atuaram nesse espaço, historicamente masculino, que é a luta armada, indicam a reprodução de uma ordem simbólica tradicional. Embora a participação de mulheres na política e nas instituições armadas seja crescente, os ideais de herói e heroína permanecem, aparentemente, intocados.

As representações das heroínas nacionais, na América Latina, também tendem serem constituídas em um modelo de feminilidade, o qual tende a apresentar características vinculadas à maternidade e a santidade (Prado, 1999), portanto à esfera privada e sagrada. Enquanto as características da virilidade, como a força, a coragem e o combate, são historicamente percebidas como pertencentes ao modelo masculino, o qual está ligado à esfera pública e às armas. As narrativas sobre as heroínas silenciam as guerreiras e exaltam a maternidade e a santidade, pois lembrar da guerreira é legitimar as práticas transgressoras – a coragem, o combate, o uso de armas.

O espaço da luta armada, na Revolução Cubana, também tende a ser percebido como domínio de homens, com armas, barba, vestimentas militares e charuto. Embora, os guerrilheiros sejam também identificados por novos símbolos – barba, boina, charuto –, o símbolo central que os identifica pertencente a longa duração e é o domínio das armas. Poucas pessoas sabem sobre a existência do Pelotón Mariana Grajales, criado oficialmente em 1958, e constituído por guerrilheiras, que lutaram no final dos anos de 1950. Entre elas estavam alguns nomes conhecidos em Cuba e para algumas pessoas que vivem além das fronteiras cubanas, como: Célia Sanchez, Vilma Espin, Haydée Santamaria e Aleida March e outras mulheres desconhecidas fora e dentro de Cuba . Elas são construtoras da Revolução Cubana (Schactae, 2016), porém, mesmo no livro didático cubano, observa-se uma tendencia ao esquecimento das mulheres como guerrilheiras (Schactae, 2024).

Enquanto os heróis nacionais se constituem em reprodutores de um modelo de masculinidade e encarnam características constituídas como representantes de uma nação,

nos séculos XIX e XX, pois estão ligados à esfera pública e às armas – instituições armadas e conflitos armados –, as heroínas nacionais são reveladoras de um modelo de feminilidade. Para elas foram destinadas as características vinculadas à maternidade e à santidade, portanto à esfera privada. Voltando o olhar para o passado, observa-se que as mulheres que atuaram no espaço das armas tendem a passar por um processo de esquecimento ou são transformadas em mães, esposas e avós exemplares, raramente as transgressoras são lembradas como tal, conforme destaca a escritora Svetlana Aleksiévitch (2016) "A guerra não tem rosto de mulher". Ao voltar o olhar para os rostos que representam a luta armada em Cuba, nos anos de 1950, veremos que os rostos das mulheres foram apagados.

A maioria dos rostos das guerrilheiras forma esquecidos, entre os rostos lembrados dentro e fora de Cuba, está o da guerrilheira Célia Sanchez (Figura 1). As imagens seguintes, estão presentes nos dois livros didáticos, citandos anteriormente, um livro é brasileiro e o outro cubano. Embora o fotógrafo coloque em destaque a figura de Fidel Castro, Célia também aparece em um lugar de destaque, entre os guerrilheiros, e com o rosto iluminado, pela luz do sol, que passava por entre as folhas das árvores. Todavia, o líder tem sua estatura destacada, pois os outros homens e a mulher, aparecem como menores. Essa é uma estratégia de construção e projeção de uma imagem pública. Uma construção simbólica que contribui para destacar e legitimar o líder. A iluminação, a disposição dos homens e da mulher, construída pelo fotógrafo, bem como, as vestimentas e as armas, constituem um conjunto simbólico que legitima o poder dos guerrilheiros, em especial do líder guerrilheiro.

Figura 1 – Guerrilheiros e a guerrilheira

Fonte: Callejas Opisso [et.all.], 2011, p. 290.

Porém, mesmo utilizando uma fotografia que indica a participação feminina, na luta armada, o texto silencia a atuação das mulheres no espaço da guerra e da política, a única exceção é a legenda fotografia (figura 1), publicada em um livro didático, no Brasil (Catelli, 2020), e em um livro em Cuba (Callejas Opisso, 2011).

As fotografias, da figura um (1), são um movimento tímido em romper com a narrativa da revolução dos guerrilheiros, bem como, com a representação da heroína mãe, ao colocar um símbolo nacional feminino como guerreira. A imagem aparece nos dois livros, aparentemente mesma fotografia que passou por uma possível edição, na obra cubana, na qual Célia e Fidel estão em destaque no centro. Porém, a possível edição oculta as armas, um dos símbolos do poder e da virilidade dos guerrilheiros. Na fotografia, publicada no livro brasileiro, os homens armados estão em primeiro plano, e Célia e Fidel estão no centro do grupo. A retiradas das armas, da presença feminina, na obra cubana, pode ser uma estratégia para preservar o símbolo da virilidade da presença feminina, mesmo diante de uma memória sobre atuação das mulheres na luta armada, presente no logotipo da FMC *(Federacion de Mujeres Cubanas)*, nos anos de 1960, que representa a mãe guerrilheira[2], e nos espaços de memória de Célia Sanchez (Casa Museo Célia Sanchez, criado em 1990, em Media Luna, Cuba) e Vilma Espin (Memorial Vilma Espín, criado em 2010, em Santiago de Cuba).

A visibilidade da participação das mulheres na guerrilha, aparece na legenda da fotografia, do livro brasileiro. O texto explica a fotografia e parte da trajetória política da guerrilheira, indicando a importância de Célia, ao destacar que:

> Fidel Castro (ao centro, na parte superior da foto) e Celia Sánchez (a seu lado) em Sierra Maestra, Cuba, em 1957. Celia Sánchez (1920-1980) foi uma guerrilheira em armas durante a revolução, a primeira mulher combatente nas montanhas de Sierra Maestra. Depois do triunfo revolucionário, em 1959, tornou-se secretária do Conselho de Estado e deputada da Assembleia Nacional Popular (Catelli [et.all], 2020, p. 99).

A legenda poderia ter colocado a Célia como central e indicar os nomes dos guerrilheiros a partir dela. Todavia, a construção cultural generificada tende a reproduzir o poder como pertencentes aos homens e as mulheres são colocadas em lugares ao lado deles, especialmente nos espaços públicos e de combate. O espaço da guerra segue sendo percebido como viril e pertencente aos homens, no século XXI, assim como no século

[2] Sobre o logotipo da FMC, ver: Schactae, 2016.

XIX, conforme destacou M. Perrot (2005).

No livro cubano, a legenda traz a seguinte apresentação: "*Combatientes en la sierra junto a Celia y Fidel*" (Callejas Opisso, 2011, p. 290). O texto, no qual a fotografia está inserida, contribui para legitimar essa construção, e observando as legendas, de outras fotografias, percebe-se que a do livro cubano oculta a identificação de combatente para Celia e Fidel. No entanto, historicamente os homens são identificados com combatentes e as mulheres são percebidas como apoiadoras ou secretárias dos líderes. Fidel sendo o líder, é combatente e, portanto, a nomeação é desnecessária. Outro elemento presente nas legendas das duas obras é que Celia e Fidel, são os únicos nomeados, os demais são guerrilheiros anônimos.

Em ambas as legendas a guerrilheira Celia Sanchez está em destaque, em relação ao grupo, a diferença entre elas é que na obra brasileira ela é central na construção do texto da legenda e foi identificada como guerrilheira. Porém, no texto do capítulo as mulheres foram silenciadas. Em Cuba, a legenda a coloca ao lado de Fidel e embora o texto sobre o processo histórico cite a participação das mulheres no *Movimiento 26 de Julio* – o qual se constitui dos movimentos urbanos e da guerrilha –, a identificação de guerrilheiros é destinada aos homens. Portanto, no livro didático cubano, observa-se uma tendencia a silenciar a participação das mulheres como guerrilheiras e como sujeitos construtores da revolução.

Vale lembrar, que *Pelotón Mariana Grajales*, combateu nos últimos meses de guerra, em Cuba, e além da atuação em combate, as mulheres participaram de forma significativa na organização dos movimentos opositores ao governo de Batista (Gonzalez Pagés, 1991, 2005; Volo, 2018). No ano de 1958, das treze pessoas citadas como membros da direção nacional do Movimento 26 de Julho três são mulheres, isso significa que 23% dos cargos diretivos, do movimento, pertenciam as representantes do sexo feminino (Suárez, 2006; Ramos, 1984). E segundo afirmações de Yolanda Ferrer (2002), das seis províncias cubanas, da década de 1950, três delas (Matanzas, Oriente e Villas) tiveram mulheres como coordenadoras provinciais do Movimento 26 de Julho. Portanto, significa que 50% das coordenações provinciais foram ocupadas por mulheres (Ferrer, 2002). Contudo, em 1975, durante o primeiro Congresso do Partido Comunista Cubano, estavam somente cinco mulheres entre cento e vinte homens, na direção do PCC (Partido Comunista Cubano). Essas informações indicam que a representação de mulheres em espaços de poder, dentro do processo da Revolução Cubana, foi maior durante o período da luta armada (1956-1959). O fim da guerra fez com que o Estado retirasse as mulheres

de espaços de poder, conforme se verifica no ano de 1975 (Schactae, 2016). O espaço da política voltou para o domínio masculino.

Nos anos de 1980, quando foi publicada a primeira biografia da guerrilheira Célia Sanchez, falecida em 11 de janeiro, e ela ganhou um lugar entre as heroínas da nação e da Revolução Cubana. Célia se tornou o símbolo de um ideal de feminilidade, que unificou o cuidado e o combate, isto é, ela encarna a figura da guerrilheira mãe. Rompendo com o modelo da heroína mãe, até então encarnado na figura de Mariana Grajales, mãe do Coronel Maceo, um dos líderes da independência de Cuba (1868-1898) e herói nacional (Schactae, 2016). Maceo é um dos primeiros modelos de masculinidade viril, do jovem estado nacional cubano. No entanto, no início do século XXI, observa-se um retrocesso, a guerrilheira passou a ser representada como um símbolo de beleza e delicadeza, a flor. Tornou-se a "autóctona flor" da Revolução, na biografia de Pedro Alvarez Tabío (Alvarez, 2004).

Embora, em Cuba, exista uma memória sobre a atuação das mulheres na guerrilha, a imagem projetada, tende a ser de que a luta arma foi um espaço dos homens. O silêncio sobre a atuação das mulheres na luta armada em Cuba, começou a ser rompido no início do século XXI, ao serem publicados os primeiros estudos historiográficos sobre a Revolução Cubana, a partir de uma perspectiva de gênero. Entre os primeiros escritos, está o estudo de Abel Sierra Madero (2006) sobre a sexualidade na construção da nação cubana, no qual o autor analisa os discursos do século XIX e do século XX, destacando que, nos anos de 1960 e 1970, o texto homem novo, de Ernesto Guevara, publicado em 1965, foi uma referência para o Estado na construção de uma masculinidade nacional heteronormativa. Entre os estudos recentes, estão as reflexões as heroínas e o estado patriarcal cubano de Lynn Stoner (2003), o livro de Lorraine Bayard de Volo (2018) e a publicação da *Radical History Review*, no ano de 2020. O livro é um estudo da Revolução Cubana, a qual ela identifica como uma insurreição, a partir de uma análise de gênero (Volo, 2018), e a coletânea de textos, publicados na *Radical History Review*, apresentam novos olhares sobre a Revolução Cubana a partir das categorias sexualidade e gênero, problematizando o internacionalismo cubano, o transnacionalismo, a nova esquerda, os movimentos anticoloniais e as influências da Revolução Cubana nos contextos atuais (Chase; Cosse, 2020).

Vale destacar que essa historiografia sobre a Revolução Cubana resgatou a figura da Mambisa[3], fato que pode ser percebido como um movimento de ruptura com o padrão de construção das heroínas, conforme destaca Lynn Stoner (2003). No entanto, a autora destaca que se observa a construção da imagem das mulheres guerreiras que serve para legitimar o poder masculino. A lealdade e adoração das mulheres, constituem as guerilheiras. Mulheres dispostas a morrer pela nação e pelo líder guerrilheiro (Stoner, 2003, p. 92).

A atuação de mulheres viris, nas guerras da Independência de Cuba, no final do século XIX, e na luta armada, em meados do século XX, é uma contradição dentro do processo de construções de um ideal de masculinidade viril, o qual deve ser incorporado pelos heróis nacionais. Vale destacar que, a masculinidade hegemônica e a virilidade são construções relacionais, cujos significados existem em relação ao tempo, ao espaço e ao feminino, portanto são construções sociais e históricas (Ferández-Llebrez, 2004) bem como, culturais. Assim, a feminilidade e a masculinidade moderna ocidental são construções relacionais e como tendências duais. As ideias de controle e o descontrole, são construções dos séculos XVIII e XIX, que marcam a primeira dicotomia na definição de masculinidade e feminilidade na sociedade moderna. A segunda dicotomia é a passividade e atividade, as quais definem o espaço e a atuação do feminino e do masculino no espaço social. A terceira dicotomia legitima o verdadeiro masculino e feminino, do não verdadeiro, a heterossexualidade e a homossexualidade. A perda de virilidade e da feminilidade é marcada pela homossexualidade. (Fernánez-Llebrez, 2004, p. 22) Porém, as identidades contemporâneas são plurais e transversais, e contradizem essas dicotomias que se estabeleceram com os Estados Nacionais, no entanto os heróis nacionais tendem a reproduzir essas dicotomias.

Herdeiros de práticas e representações generificadas, que constituem a história dos Estados Nacionais, os livros didáticos se constituem em orientadores de práticas culturais que definem o lugar dos sujeitos na ordem social. Além do mais, conforme destaca Guacira Louro (1997), a escola sempre teve a função de construir a distinção, um espaço de fabricação de sujeitos generificados. “Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe — são constituídos por essas

[3] Mambisa é a identificação das mulheres que lutaram nas Guerras da Independência em Cuba. Sobre a atuação das mulheres nas guerras do século XIX, ver: Amparo Torres-Elers, 2020; Pereira, 2014.

distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores (Louro, 1997, p. 64)". Portanto, o livro didático, desde o século XIX, estabelece a cultura do "o ensino simultâneo, pelo qual o mesmo professor ensina a mesma disciplina para muitos alunos, ao mesmo tempo" (Munakata, 2016, p. 135), contribuindo para construção de um padrão e de distinções.

Ao longo dos séculos XIX e XX, o livro didático, no Brasil, torna-se parte da cultura de massa e seguem as recomendações do Estado, principalmente a partir do final do século XX, com a criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Um programa que torna esse mercado muito rentável (Munakata, 2012, p. 59). Porém, em Cuba, não há um mercado para livros didáticos, a produção e distribuição são práticas do Estado. Essa diferença é uma característica significativa, que estabelece uma diferença entra as políticas públicas de produção de material didático nos dois países.

Ao voltar o olhar para os livros didáticos, que circulam no Brasil, foi selecionada uma obra publicada em 2020, que é a coleção Ciências Humanas e Sociais Aplicadas[4]: ensino médio (Catelli [et.all], 2020), a qual tem como autores três homens (Roberto Catelli Jr., André Salvia e Paulo Silva, Robson Rocha) e duas mulheres (Ana Paula Seferian e Michele Scoura). Ela é composta por seis volumes e cada volume com aproximadamente duzentas (200) páginas.

Essa coleção foi selecionada porque o livro: Ética, política e trabalho (Catelli [et.all], 2020), que compõem a coleção, possui parte do capítulo dedicado a Revolução Cubana. O livro é constituído por cento e oitenta e uma páginas e o capítulo quatro, que tem como título: "Anarquista e Socialistas: o poder dos trabalhadores" (Catelli [et.all], 2020, p. 76-107), possui sete páginas dedicadas a Revolução Cubana. O número de páginas é um indício da importância que os autores e as autoras atribuem a História da Revolução Cubana, para a compreensão das realidades atuais do Brasil e América Latina.

O texto sobre a Revolução Cubana, além das sete (07) páginas, é composto por treze (13) imagens (considerando imagens de capas de livros e filmes). A narrativa segue uma prática tradicional na historiografia sobre a Revolução e é orientada pela ordem cronológica das questões políticas, que se inicia com o processo das guerras de independência, no século XIX, e termina na Revolução Cubana. Portanto, esse

[4] Essa obra é resultado de um processo de mudanças nas políticas públicas de educação estabelecida pela lei 13.415, de 16 de fevereiro de 2017 (Brasil, 2017), a qual ficou conhecida como "Reforma do Ensino Médio", estabeleceu alterações na Educação Básica, provocando influências no processo de construção dos saberes em sala de aula (Germinari; Mello, 2018).

acontecimento histórico, de meados do século XX, é apresentado como resultado de um processo iniciando no século XIX.

Em Cuba, atualmente existem três livros didáticos de História, destinados ao Pré-universitário, nível escolar correspondente ao Ensino Médio, no Brasil. Essas obras foram produzidas Ministério da Educação e são distribuídas para todas as escolas do País, bem como, estão disponíveis na página do Ministério da Educação de Cuba (https://www.mined.gob.cu/). Vale lembrar que, em 1961 foi estabelecido o caráter socialista da Revolução Cubana e todas as escolas passam a ser públicas[5], bem como, iniciou-se um processo de institucionalização dos meios de comunicação[6].

O livro didático selecionado é o *História de Cuba, nivel medio superior* (Callejas Opisso [et.all], 2011), o qual é uma segunda edição, publicada no ano 2011. Assim como o livro brasileiro, foi escrito por duas mulheres, as autoras Susana Callejas Opisso e Francisca López Civeira, e por três homens, os autores Oscar Loyola Veja, Horacio Díaz Pendás e José A. Rodríguez Bem. Atualmente é essa edição que está em uso nas escolas de Cuba.

A obra tem poucas imagens, em comparação com o livro didático brasileiro, e são todas em preto e branco. A diagramação é simples e com foco no texto, o qual é composto de quatrocentas e setenta (470) páginas. Essas características do livro podem ser percebidas com indicativos de questões econômicas, pois o valor necessário para a impressão em cores é superior que a em preto e branco. Porém, também podem estar relacionadas a existência de uma única obra didática, não existindo a concorrência do mercado editorial. Outra diferença é o número de páginas dedicadas à Revolução Cubana, pois em Cuba, os capítulos sobre a Revolução Cubana (1954-1959), são dois e constituídos por duzentas (200) páginas, com quarenta e quatro (44) imagens e atividades.

No texto de apresentação, o qual não é paginado, o Ministério da Educação defini os objetivos dos estudos da História de Cuba, entra os quais se destacam a ideia de um processo revolucionário continuo, iniciado no século XIX e que permanece até atualidade, bem com, destaca a figura de Fidel Castro, como um personagem significativo para a História de Cuba (Ministerio de Educación, 2011). Portanto, a obra traz uma construção da história de Cuba, orientada pela ideia que a Revolução é uma herança dos

[5] Lei de Nacionalização da Educação, 06 de junho de 1961. Disponível em: https://siteal.iiep.unesco.org/bdnp/250/ley-nacionalizacion-general-gratuita-ensenanza-ley-sn-6-junio-1961

[6] Sobre meios de comunicação e industrial editorial em Cuba, ver: Garcia, 2013; Rodríguez Arechavaleta, 2021; Blanco Fernández; Ferrán Fernández, 2019.

movimentos e lutas do século anterior.

Observa-se que as construções que explicam a Revolução Cubana, presentes nos livros de História, do Brasil e Cuba, são influenciadas pelas políticas públicas, presentes nesses países, e por práticas culturais generificadas, orientadas por ideais de feminilidade e masculinidade. Portanto, os livros didáticos, são instrumentos que orientam a (re)construção e a reprodução de práticas e representações generificadas sobre o passado, bem como, sobre relação sociais e culturais no tempo presente e as projetam para o futuro. Sendo assim, eles também orientam a construção de identidades subjetivas e coletivas, apropriando-se de Joan Scott (1995; 1990).

A generificação dos textos e imagens, que constituem os livros didáticos, influência nas transformações e nas reproduções das realidades sociais e culturais. Desconstruir as representações presentes nos livros didáticos, a partir da categoria gênero (Scott, 1995; 1990), é importante para compreensão e transformação das construções históricas, sociais e culturais das relações de gênero. As representações da Revolução Cubana, presentes nas obras em análise, apresentam duas características que as aproximam: uma é a relação entre a Revolução Cubana e as Guerras da Independência de Cuba, no século XIX, e a outra são os destaques para a importância da guerrilha e da figura de Fidel Castro como centrais para a Revolução.

A construção explicativa, que coloca Fidel como central para o processo histórico, bem como, a influência das guerras do século XIX, no movimento político dos anos de 1950, o qual é identificado como uma revolução, está presente nas duas obras. Portanto, os autores e autoras são influenciadas por uma tendência presente nas produções historiográficas que circulam em Cuba e no Brasil, no início do século XXI (Chomsky ,2015; Fernandes, 2012; Ayebe, 2004; López; Loyola; Silva, 2005; Grott, 2006; López Segrera, 2012).

Essa construção explicativa do acontecimento histórico, talvez tenha sido influenciada pelos escritos de Ernesto Che Guevara, os quais estão entre os primeiros textos que objetivam construir uma história sobre os acontecimentos em Cuba e legitimá-los como parte uma revolução. Um dos primeiros textos, publicado por ele, é "Uma história da Revolução Cubana", publicado na Revista Cruzeiro, no Brasil, em 1959 (Guevara, 2000, p. 3-9). Em seguida podemos cita o "*Pasajes de la Guerras Revolucionaria*", publicada em 1963, com o foco explicativo na guerra dos anos de 1950

(Guevara, 2000); e o "O socialismo e o homem em Cuba", publicado em 1965, no Uruguai (Guevara, 1965). Esses escritos são marcos significativos na definição da Revolução Cubana, como processo histórico, mas também como masculina. Outra influência desses textos, foi a projeção internacional desse acontecimento, que marca a história política do século XX. Esses escritos projetam a guerrilha e o guerrilheiro como construtores da Revolução. O autor destaca a luta armada e os líderes homens, em destaque a figura de Fidel Castro, como centrais na construção o projeto político revolucionário em Cuba.

Os textos publicados por Ernesto Che Guevara, podem ser identificados como fundadores de uma construção da história desse acontecimento e estabeleceram o mito da revolução dos guerrilheiros. Guevara produziu um discurso que colocou a guerrilha e os guerrilheiros como os sujeitos responsáveis pela vitória. Fidel Castro, as armas, os homens e a guerra representam o núcleo central para compreender o processo revolucionário e da vitória dos rebeldes. Observa-se que essa construção tende ao silenciamento outros sujeitos, que atuaram no estabelecimento da revolução, entre os quais: o movimento urbano[7], que foi constituído por um número significativo de mulheres, e a participação das mulheres na guerrilha, bem como as diversas organizações de mulheres que apoiaram o processo: *Unión Femenina del Partido Demócrata*, a *Acción de Mujeres Auténticas*, *Frente Cívico de Mujeres Martianas* (FCMM), *Mujeres Oposicionistas Unidas* (MOU), entre outras organizações, como a *Federación de Estudiantes Universitaria* (FEU), composta por homens e mulheres (Chicharro, 2023).

As publicações citadas, projetam a ideia de uma Revolução Cubana conduzida por líderes homens, os quais são apresentados como guias e salvadores do povo – apropriando-se das reflexões de história política de R. Girardet (1987). Ernesto Guevara, destaca Fidel Castro como líder e silencia sobre a atuação das mulheres. Em uma passagem do texto, de 1965, ele afirma que no dia 26 de julho de 1953, "um grupo de homens dirigidos por Fidel Castro atacou (...) o Quartel Moncada" (Guevara, 1965). A presença das mulheres no grupo – Haydée Santamaria e Melba Hernández – foi esquecida. Sendo assim ele contribuiu para a legitimação da luta revolucionária como um espaço de homens que pegaram em armas para defender um projeto político.

A obra sobre a Revolução Cubana, de Florestan Fernandes (2012), publicada pela primeira vez em 1979, também tem como centro da análise a guerrilha. Para ele a

[7] Sobre o movimento urbano ver: Gallego Jiménez, 2022; Graña Eiriz, 2008.

Independência de Cuba é uma conquista de um movimento de luta de guerrilheiros contra o imperialismo, bem como, a Revolução Cubana, de 1959. O domínio da guerrilha é explicado pelo que ele identifica como "espírito guerrilheiro" e "espírito revolucionário" (Fernandes, 2012, p. 124; 129), portanto, ele coloca os homens como predestinados e o movimento da guerrilha como algo transcendental e não como uma construção história.

A Aviva Chomsky (2015), inova ao inserir as mulheres como parte da construção do processo histórico da Revolução Cubana, porém também destaca a atuação da guerrilha. A luta armada na *Sierra Maestra*, é compreendida como central para o sucesso da Revolução, e a guerrilha é identificada como herdeira dos ideais revolucionários do processo de Independência, no século XIX. Assim, a Revolução é percebida como uma aplicação dos ideais da independência e a guerrilha é o sujeito que herda esses ideais, pois para ela:

> (...). O Movimento 26 de Julho queria levar a cabo o projeto pelo qual José Martí e tantos outros haviam morrido. Em 1898, as forças de ocupação norte-americanas impediram que o exército rebelde de Cuba entrasse na capital de Santiago (Chomsky, 2015, p. 46).

Portanto, Fernandes (2012) e Chomsky (2015), são dois exemplos de análises historiográficas, que identificam o processo revolucionário como uma continuidade dos ideais que moveram as guerras da independência. A revolução dos rebeldes guerrilheiros, como uma continuidade em relação ao passado, é uma ideia herdada das interpretações construías por Ernesto Che Guevara, nos anos de 1960.

Portanto, esses estudos sobre a Revolução Cubana, apresentam indícios de uma tendencia de apresentar esse processo histórico como resultante das ações homens que representam um ideal de masculinidade hegemônica, conforme o conceito de R. Connell (1997; 2005; 2013). Uma masculinidade fundada na representação do homem viril (Courtine, 2013). O guerreiro que pegou em armas, para construir e defender Cuba, no século XIX e na década de 1950 do século XX, é uma representação que constitui uma cultura política na América Latina e foi ressignificada por Ernesto Che Guevara, sendo encarnada por ele próprio, ao se tornar um símbolo da Revolução e um ideal de masculinidade na América Latina, a partir dos anos de 1960 (Schactae, 2022).

Todavia uma análise historiográfica da Revolução Cubana, em uma perspectiva de gênero, utilizando imagens ou fotografias como fonte, está dando os primeiros passos. Assim, a leitura e análise das imagens, presentes nos livros didáticos, é orientada pelos estudos de história e fotografia, os quais indicam a importância de observar as legendas e também criar conjuntos para serem problematizados, conforme orienta Maria Mauad (1996), em um dos primeiros textos que problematiza o uso de fotografia como fontes para a História, publicado no Brasil.

Na construção do conjunto de imagens foram selecionadas todas as imagens, referentes a Revolução Cubana, presentes nos livros didáticos e organizadas tematicamente (homens, mulheres, população, propaganda, etc.). Também foi observado o lugar ocupado na página e no capítulo, o tamanho das imagens e as legendas. Informações que indicam a importância dada para a imagem na construção da história sobre o acontecimento do passado.

A partir da organização inicial, foi construído um quadro, com os temas centrais e o número de imagens.

Quadro 1: Temas das imagens sobre a Revolução Cubana

Livro de Cuba		**Livro do Brasil**	
Tema	**Número**	**Tema**	**Número**
Homens	39	Homens	06
Mulheres	07	Mulheres	01
Outros (multidão, objetos, etc.)	09	Outros (multidão, objetos, etc.)	07
Total	55	**Total**	13
Páginas sobre a Revolução	200	Páginas sobre a Revolução	07

Fonte: Callejas Opisso [et.all], 2011; Catelli [et.all], 2020.

O livro brasileiro possui mais imagens, considerando o número de páginas dedicados a história da Revolução Cubana, porém as duas obras tendem a projetam os homens como os sujeitos centrais desse processo histórico e as mulheres são percebidas como menos significativas, ou silenciadas. Esse olhar inicial já indica uma reprodução da construção que surge nos anos de 1960 e presente em parte da historiografia, conforme demonstração anterior.

A Revolução dos barbudos nos livros didáticos em Cuba e no Brasil

Ao observar as imagens, presentes nas obras didáticas, veremos que alguns homens são percebidos como significativos para o processo, enquanto outros são silenciados, assim como são silenciadas as mulheres. Os símbolos que eles usam – a vestimenta, as armas, a barda, a boina –, constituem-se em identificação do guerrilheiro

e de uma masculinidade hegemônica revolucionária. As primeiras imagens que aparecem, nos livros didáticos, são significativas na construção dessa identificação.

A masculinidade hegemônica caracterizada pela guerra, pelo poder dos homens, pela força, a coragem, pela virilidade e as armas, é percebida na construção da representação do guerrilheiro. A figura três (3), publicada na brasileira, e a figura dois (2), publicada na obra cubana, são fotografias significativas para a construção de um domínio masculino viril, na Revolução. A imagem publicada na obra cubana (Figura 2), legitima o poder da guerrilha e de Fidel Castro, mesmo sem nomeá-lo na legenda, o texto identifica a fotografia como uma imagem de "*Combatientes en la Sierra Maestra*" **(**Callejas Opisso [et.all.], 2011, p. 286).

Ao colocar Fidel Castro no alto e no centro da fotografia é desnecessário nomeá-lo (Figura 2), pois seu lugar entre os combatentes define o seu poder, bem como, as armas legitimam o poder e a identificação dos combatentes. Eretas e fálicas as armas são símbolos do poder e da identificação da guerrilha e dos guerrilheiros. A posição de um homem (Raul Castro), na frente de Fidel, com a cabeça curvada é um indicativo de submissão ao poder do líder. Esses indícios de poder simbólico, no espaço da guerra (Bourdieu, 1996), talvez tenham favorecido a escolha da imagem, pois com certeza não é a única fotografia existente da guerrilha, porém, é uma imagem significativa para a representação do poder do líder. Também é possível perceber na fotografia a distinção entre os guerrilheiros e um membro do Movimento 26 de julho, que atuava no espaço urbano, o qual está com vestimenta diferente, com o bracelete do movimento no braço, e está desarmado.

Figura 2 – Fidel, armas e combatentes na *Sierra Maestra*

Fonte: Callejas Opisso [et.all.], 2011, p. 286.

A imagem brasileira, que compõem a abertura do capítulo, possui uma legenda que legitima o poder das armas. O texto que identifica a imagem a descreve como uma: "Demonstração de força dos revolucionários cubanos diante do Palácio Presidencial em Havana, Cuba, 1959" (CATELLI [et.all], 2020, p. 77). Portanto, ela também legitima o poder dos homens guerrilheiros na Revolução. As armas a cima das cabeças são uma demonstração de poder fálico, da força bélica e do domínio masculino. Ao fundo figura a sede do poder do governo do Estado Cubano, que também tem uma arquitetura que contribui para a representação do poder simbólico do falo (Bourdieu, 2007). A imagem legitima o poder viril no espaço público e da política, bem como, um ideal de masculidade.

Figura 3: Homens e armas em Havana em1959

Fonte: Catelli [et.all], 2020 p. 77.

Ao narrar o processo de oposição à ditadura de Batista, o livro brasileiro, apresenta Fidel Castro e Ernesto Che Guevara como os principais líderes. Nessa parte do texto são cinco parágrafos e uma citação longa, sobre o processo revolucionário, da década de 1950 (Catelli [et.all], 2020). O destaque aos guerrilheiros, Fidel e Che Guevara (figura 5), como líderes e guias da Revolução Cubana, é construído na imagem que compõem um quadro cronológico sobre o socialismo (Catelli [et.all], 2020, p.83). Portanto, a obra reproduz uma representação que coloca os homens, brancos, como líderes políticos, bem como, reafirma o esquecimento da atuação das mulheres, em espaços de lideranças e como agentes, no Movimento 26 de Julho.

Para Luis Bonino (2002) há no ocidente um modelo de masculinidade hegemônica que se impõe sobre as outras masculinidades. Essa identificação de masculinidade é marcada um uma continuidade. Para ele as crises são apenas ajustes da masculinidade hegemônica e não indicam rupturas, pois ela se mantém como dominante e independente, subordinando outras masculinidades e as feminilidades. Segundo o autor as características que representam a definição de masculinidade hegemônica são a independência (individualidade, autonomia, egocentrismo, poder, etc.), o domínio (combate, luta, heroísmo), a hierarquia (liderança, obediência, disciplina, lealdade, sacrifício, etc.) e a heterossexualidade. Esses valores, que significam o que é ser homem, segundo ele, estão presentes no imaginário social.

Assim, os heróis nacionais tendem a ser representados como modelo a masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2005; 2013; Connell, 1997). Os valores e as características que identificam os heróis e essas instituições são percebidos nas construções simbólicas, que são adaptadas as necessidades apresentadas pelo presente e tendem a reproduzir um ideal de masculinidade. Enquanto para as heroínas nacionais, a tendência é a construção de um modelo de feminilidade que está vinculado a esfera privada, o modelo masculino está ligado à esfera pública e as armas – instituições armadas e conflitos armados. Célia Sanchez é uma transgressora nos dois livros didáticos, pois ocupa um espaço historicamente destinado aos homens – a guerra –, portanto, o silêncio é necessário para ocultar a sua transgressão do ideal de feminilidade e manter o domínio dos homens nesse espaço.

As imagens dos manuais didáticos retiram das mulheres os espaços e os símbolos de poder – o discurso para a população; o combate; as armas; a guerrilha –, historicamente vinculados ao masculino. As fotografias e as legendas, da figura quatro (4), legitimam Fidel Castro como líder guerrilheiro, pois, nas palavras dos autores e autoras, elas afirmam: o "*Júbilo popular*" (Callejas Opisso [et.all.], 2011, p. 303), e que "Fidel Castro é recebido por multidão em Havana, Cuba, em janeiro de 1959, marcando o triunfo da Revolução Cubana" (Catelli [et.all], 2020 p. 100). A relação entre textos das legendas e as imagens, servem para legitimar o poder do líder e demonstrar o apoio popular, aos guerrilheiros e a líder, ao fim da luta armada, contra o poder armado do Estado Cubano, em 1959.

Figura 4: Fidel e a população em 1959

Fonte: Callejas Opisso [et.all.], 2011, p. 303.

Fonte: Catelli [et.all], 2020 p. 100.

As fotografias escolhidas, foram construídas para projetar a figura do líder, o colocando em posição de destaque, acima da população. A presença do fuzil e da vestimenta de guerrilheiro, na fotografia do livro cubano (fotografia à esquerda, na figura 4), reafirmam seu poder de guerrilheiro viril e construtor da revolução. A vestimenta de guerrilheiro, a barba e discurso para a multidão, são as características simbólicos da virilidade, em destaque na obra brasileira (fotografia à direita, na figura 4). Nessa fotografia alguns homens figuram com armas e vestimentas militares, agachados e em pé, e ao que parece estão realizando a segurança, porém, o lugar que ocupam serve para legitimar o poder do líder, que discursa para a multidão, composta por homens e mulheres.

A arma, a barba, a arma e a vestimenta de guerrilheiro, são símbolos que legitimam o um ideal de masculinidade guerrilheira. As fotografias de Fidel Castro com outros guerrilheiros, nomeados nas legendas, são significativas para legitimar o poder do líder e um ideal de masculinidade. No livro cubano, Fidel Castro aparece ao lado de Camilo Cienfuegos, em uma imagem editada a partir de uma fotografia, produzida por Korda, que retrata da entrada do comando do Exército Rebelde, em Havana, em 1959[8], enquanto, na obra brasileira, ele figura ao lado de Ernesto Che Guevara, conforme a figura cinco (5). As legendas, das duas obras, indicam o ano de 1959, momento que os reconhecidos como rebeldes conquistaram do poder do Estado Cubano (figura 5). Outro detalhe, nas fotografias, é que os guerrilheiros, estão olhando para Fidel, gesto que pode ser percebido como legitimador de poder, pois pode indicar admiração. Novamente, a

[8] A fotografia pode ser acessada em International Center of Photography (ICP), 2010: <https://www.icp.org/exhibitions/cuba-in-revolution>.

figura do líder, a barba e a vestimenta militar se destacam como símbolos de poder e masculinidade virial, nas fotografias escolhidas. Vale lembrar, que para M. Perrot (2007, p. 53; 2005) a barba é símbolo do poder viril, que representa a força e a sabedoria, bem como, as armas historicamente pertencem aos homens e são símbolos de poder.

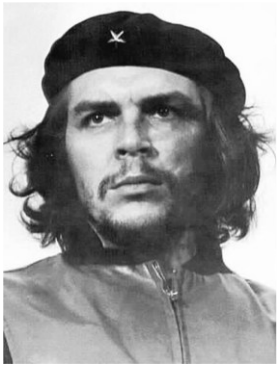
Figura 5 - Fidel, Camilo e Che Guevara em 1959

Fonte: Callejas Opisso [et.all.], 2011, p. 313.

Fonte: Catelli [et.all], 2020 p. 83.

As duas fotografias apresentam uma característica da rebeldia – cabelos compridos e barba –, a qual passou a compor a masculinidade hegemônica revolucionária. As imagens de Ernesto Che Guevara (figuras 5, figura 6) e Camilo Cienfuegos (figura 5), legitimam essa característica identificadora do guerrilheiro rebelde, pois ambos são reconhecidos, pelo Estado Cubano, como heróis e morreram nos primeiros anos da Revolução (Camilo, morreu em Cuba, em um acidente aéreo, em 28 de outubro de 1959, e Che Guevara, em 09 de outubro de 1967, na Bolívia).

Figura 6: Uma representação da masculinidade da guerrilha



Fonte: Callejas Opisso, 2011, p. 455.

Historicamente o cabelo e barba são sinais de distinção entre os sexos (Perrot, 2007), o cabelo curto se constitui em significado de virilidade e os cabelos compridos uma representação do feminino. Os guerrilheiros rompem com esse padrão, incorporando o cabelo comprido como representação da virilidade, a qual também é composta pela barba, o uniforme e a arma.

Um olhar atento, sobre os textos dos livros didáticos, permite perceber os indícios uma reprodução das relações de poder generificadas. O Estado e o espaço da guerra, são apresentados como exclusividade de homens, brancos, viris, os quais figuram como sujeitos centrais na construção da Revolução Cubana, portanto, perdura o silêncio sobre a presença de mulheres nesses espaços. Porém, apresentam uma nova representação da virilidade, construída pela Revolução Cubana, a qual é constituída por características históricas da virilidade, mas incorpora um símbolo da rebeldia dos anos de 1960, no Ocidente, o cabelo comprido para os homens.

Conclusão

As duas obras destacam a Revolução Cubana como um acontecimento que é significativo para compreensão da História da América Latina, na segunda metade do século XX. Todavia, ao voltar o olhar para a participação das mulheres, no processo revolucionário cubano, os textos mantêm a tradição do silêncio sobre a participação feminina, especialmente na luta armada, mas também, no processo de construção do estado cubano, na década de 1960. Os livros didáticos indicam que Brasil e Cuba compartilham das mesmas representações de gênero da Revolução Cubana. Portanto, são herdeiros de uma mesma construção de masculinidade hegemônica caracterizada pela virilidade e pelo silenciamento da virilidade como identificadora do feminino.

Embora existam centenas de fotografias sobre esse processo histórico, observa-se uma tendencia a reproduzir as mesmas imagens[9]. A comparação entre os livros permitiu perceber essa prática. O Estado Cubano inventou uma representação imagética sobre a Revolução, ao selecionar algumas fotografias que são reproduzidas nos textos dentro e fora de Cuba. Essas imagens construíram uma representação da revolução como um feito de homens viris, belos, rebeldes e guerreiros, seguindo os padrões de uma cultura

[9]Arquivo digital de fotografias da Revolução Cubana, Yale University, disponível em: Cuban Revolution Collection (MS 650). Manuscripts and Archives, Yale University Library. https://archives.yale.edu/repositories/12/archival_objects/2049999 . Accessed May 15, 2025.

generificada ocidental. Como foram chamados rebeldes, pelo Estado Cubano, nos anos de 1950, incorporam características dessa rebeldia na construção da masculinidade hegemônica revolucionária cubana. Porém, essa rebeldia é caracterizada pela reprodução de um ideal de masculinidade.

Os homens seguem sendo representados com líderes guerreiros, que usam vestimenta militar e são agentes da história política. Uma herança, presente na América Latina, e que constituiu os líderes como guerreiros e militares.

Portanto, os livros didáticos analisados, tendem a contribuir para reconstrução e reprodução das relações sociais generificadas, pois reproduzem uma ideia de que o espaço de poder da política e da guerra são domínio dos homens viris. Embora algumas mulheres apareçam como figurantes, a representação daqueles que fazem a história seguem sendo de homens viris. No caso da Revolução Cubana homens, jovens, barbudos, com cabelos compridos, belos, fortes e armados.

Referências bibliográficas

ALEKSIEVITCH, S. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ALVAREZ, P. T. **Célia**: ensayo para uma biografia. La Habana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 2004.

AMPARO TORRES-ELERS, D. La participación femenina en las Guerras de independencia: una mirada historiográfica desde la contemporaneidade. **Revista Santiago** 151, p. 149-168, 2020. Disponível em: https://santiago.uo.edu.cu/index.php/stgo/article/view/5144

AUDOIN-ROUZEAU, S. Exércitos e guerras: uma brecha no coração do modelo viril? CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. **História da Virilidade** – A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 239-268, 2013.

AYERBE, L. F. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

Blanco Fernández, Y.; Ferrán Fernández, Y. La Industria Editorial Del Libro En Cuba: Una reflexión sistémica. **Alcance**: Revista Cubana de Información y Comunicación, Vol.8, Núm. 19, p. 57-74, 2019. Disponível em: https://revistas.uh.cu/alcance/article/view/5428/4550

BONINO, L. Masculinidad hegemônica e identidad masculina. **Dossiers feministes** - Masculinitats: mites, de/construccions y mascarades, n. 67, p. 07-36, 2002.

BOTTON, F. B. **Liderança política e autoridade paterna**: psicologia e masculinidade na construção das personalidades de Vargas e Perón. Tese de Doutorado em História, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, P. Espaço social e espaço simbólico. In: BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papiros, p. 13-33, 1996.

BRASIL**. Lei nº 13.415**, de 16 de fevereiro de 2017, conversão da medida provisória 746, de 2016. Diário Oficial da União, 17 de fevereiro de 2017. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13415-16-fevereiro-2017-784336-publicacaooriginal-152003-pl.html.

BROWN. J. Integrating women into policing: a comparative European perspective. In: PAGON, Milan. **Policing in Central and Eastern Europe**: Comparing firsthand knowledge with experience form the West. Ljubljana, Slovenia: 1996. Disponível em: http://www.ncjrs.gov/policing/contents.html. Acesso em: 10/08/2008.

BURKE, P. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
Callejas Opisso, S. [et.all] **História de Cuba, nivel medio superior**. La Havana: Editorial Pueblo y Educación, 2011. Disponível em: https://www.mined.gob.cu/ Acesso em: 15 de abril 2024.

CAPELATO, M. H. R. **Multidões em Cena**: propaganda política no varguismo e no peronismo. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

CARREIRAS, H. **Gender and the military**: a comparative study of the participation of women in the Armed Forces of Western Democracies. Thesis. Department of Political and Social Sciences. European University Institute, Florence, 2004.

CATELLI, R. Jr.; SALVIA, A.; [et.all]. **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**: ensino médio. 1. Ed. São Paulo: Editora AJS, 2020.

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, R. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**, 11, (5), p. 173-191, 1991.

CHASE, M.; Cosse, I. Revolutionary Positions: Sexuality and Gender in Cuba and Beyond. **Radical History Review**, n. 136, p. 1-10, 2020. Disponível em: https://10.1215/01636545-7857211. Acesso em: 23 jun. 2022.

CHICHARRO, M. R. De la participación a la acción política. Las secciones femininas de los partidos políticos en Cuba, 1925-1959. **Historia Caribe** - Volumen XVIII, n. 43, julio – diciembre, p. 99-132, 2023. DOI: https://doi.org/10.15648/hc.43.2023.3720

CHOMSKY, A. **História da Revolução Cubana**. São Paulo: Veneta, 2015.

CONNELL, R. MESSERSCHMIDT, JAMES W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 21, vol.1, p. 241-282, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014.

CONNELL, R. W. La organización social de la masculinidad. In**:** *VALDÉS***,** T.; OLAVARRÍA, J. (eds). **Masculidad**/*es***:** *Poder* y *Crisis*. Santiago, Chile: Ediciones de las mujeres, n.º 24, p. 31-48, 1997. Disponível em: http://www.pasa.cl/biblioteca/La_Organizacion_Social_de_la_Masculinidad_Connel,_Robert.pdf. Acesso em 15/01/2009.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação e realidade**, n. 20, vol. 2, p. 185-206, 2005.

COURTINE, J. Impossível virilidade. In: COURTINE, J.(org.). **História da Virilidade**: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis: Vozes, p. 7-12, 2013.

CUBA. **Lei de Nacionalização da Educação.** La Havana, 06 de junho de 1961. Disponível em: https://siteal.iiep.unesco.org/bdnp/250/ley-nacionalizacion-general-gratuita-ensenanza-ley-sn-6-junio-1961

FERNANDES, F. **Da guerrilha ao socialismo:** a Revolução Cubana**.** São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FERNÁNDEZ-LLEBREZ, F. ¿"Hombres de verdad"? Estereotipo masculino, relaciones entre los géneros y ciudadanía. **Foro Interno**, n. 4, p.15-43, 2004. Disponível em: https://revistas.ucm.es/index.php

FERRER, Y. **La mujer en la Revolucion, las concepciones de Vilma, los analisis teoricos de la FMC sobre igualdad de género**. Conferência. Arquivo FMC, Havana, (mimeo), Cuba, 27 de maio de 2002.

GALLEGO JIMÉNEZ, J. J. "La sayuela clandestina". Vilma Espín Guillois y su papel en el proceso revolucionario cubano antes del triunfo (1952-1958). **ARENAL**, n. 29, vol.1, p. 257-284, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.30827/arenal.v29i1.9979

GALVÃO, W. N. **A donzela-guerreira**: um estudo de gênero. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1998.

GARCIA, J. La regulación de la prensa en Cuba: referentes morales y deontológicos. **Temas**, n. 74, p. 82-90, 2013.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GERMINARI, G.; MELLO, P. Reforma do Ensino Médio e a base nacional comum curricular: confrontos narrativos, estratégias de imposição e impactos no ensino de História. **Interacções**, n. 49, pp. 7-24, 2018. Disponível em: https://revistas.rcaap.pt/interaccoes

GIRARDET, R. **Mitos e Mitologias políticas.** Companhia das Letras, SP. 1987.

GONZÁLEZ Pagés, J. C. **En busca de un espacio**: Historia de mujeres en Cuba. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2005.

GONZÁLEZ Pagés, J. C. **La Republica Femenina**: Organizaciones Revolucionarias de Mujeres 1952-1958. Universidade de Havana: Havana, 1991(mimeo).

GRAÑA EIRIZ, M. **Clandestinos en prisión**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2008.

GROTT, R. **Cuba**: uma nova história. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GUEVARA, E. **Pasajes de la guerra revolucionaria**. La Habana: Editora Política, 2000.

GUEVARA, E. **O socialismo e o homem em Cuba**. Março, 1965. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/guevara/1965/03/homem_cuba.htm. Acesso em: 7 nov. 2020.

GUEVARA, E. **O socialismo e o homem em Cuba**. Semanário Marcha, Montevideo, Março de 1965. Disponível em:www.marxists.org. Acesso em: 03 de janeiro de 2018.

GUEVARA, E. **Pasajes de la Guerra Revolucinaria**. La Habana: Editora Politica, 2000.

GUEVARA, E. **Una historia de la revolucion cubana**, Revista O Cruzeiro, 1959. Disponível em: Web del Centro Estudios "Miguel Enríquez", CEME, < https://www.archivochile.com/America_latina/Doc_paises_al/Cuba/Escritos_del_Che/escritosdelche0011.pdf >. Acesso em: 05 de janeiro de 2018.

INTERNACIONAL CENTER OF PHOTOGRAPHY. **Cuban Revolution**, 2010. Disponível em: https://www.icp.org/exhibitions/cuba-in-revolution.

JACKSON, L. A. **Women Police**: gender, welfare and surveillance in the twentieth century. USA: Manchester University Press, 2006.

KOSSOY**,** B. **Fotografia & História.** 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LÓPEZ SEGRERA, F. **A Revolução Cubana**: propostas, cenários e alternativas. Maringá: Eduem, 2012.

LÓPEZ, F.; LOYOLA, O.; SILVA, A. **Cuba y su historia.** La Habana: Editorial Felix Varela, 2005.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAUAD, A. M. Através da imagem: fotografia e história – interfaces. **Tempo**, v. 1, n. 2, p.73-98, 1996.

MINISTERIO DE EDUCACIÓN. Presentación. In: Callejas Opisso, S. [et.all] **História de Cuba, nivel medio superior.** La Havana: Editorial Pueblo y Educación, 2011. Disponível em: https://www.mined.gob.cu/. Acesso em: 15 de abril 2024.

MOTTA, V. C.; FRIGOTTO, G. Por que a urgência da Reforma do Ensino Médio? Medida Provisória nº 746/2016 (Lei nº 13.415/2017). **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 139, p. 355-372, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/8hBKtMRjC9mBJYjPwbNDktk/?lang=pt. Acesso em: 13 de agosto de 2022.

MUNAKATA, K. O livro didático como indício da cultura escolar. **História da Educação** (Online). Porto Alegre v. 20 n. 50, set./dez., p. 119-138, 2016.

MUNAKATA, K. O livro didático como mercadoria. **Pro-Posições**, v. 23, n. 3, set./dez., p. 51-66, 2012.

OLIVEIRA, I.; OLIVEIRA, M. Cultura histórica e livro didático ideal: algumas contribuições de categorias rüsenianas para um ensino de História à brasileira**. Revista Espaço Pedagógico**, v. 21, n. 2, 23 set. 2014. Disponível em: http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/4298

PASTORE, B. Complexo IPES/IBAD, 44 anos depois: Instituto Millenium? **Aurora**, Marília, v. 5, n. 2, p. 57-80, 2012. Disponível em: http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/2351/1912. Acesso em: 02 de jan. 2020.

PEDRO, M. J. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **Revista de História**, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005.
Pereira, I. M. Mambisas, feminismo e a identidade nacional feminina cubana. **Epígrafe**, v. 1, n. 1, p. 35-45, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2318-8855.v1i1p35-51. Acesso em: 02 jul. de 2022.

PERROT, M. Sair. In: FRAISSE, G; PERROT, M. (dir.) **História das mulheres no Ocidente**: O século XIX. Porto: Afrontamento, p. 503-539, 1991.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da História**. Bauru: Edusc, 2005
Perrot, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PORTO, A. L. A. **Livros didáticos de História**: uma história comparada entre Brasil e Cuba (2013-2015). Tese apresentada no Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, 2019.

PRADO, M. L. A participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina. In: PRADO, M. L. **América Latina no século XIX**: tramas, telas e textos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, p. 28-51, 1999.

PRADO, M. L. América Latina: Historia comparada, historias conectadas, historia transnacional. **Anuário Escuela de Historia Revista** n. 24, Facultad de Humanidades y Artes (UNR), 2012. Disponível em: https://anuariodehistoria.unr.edu.ar/index.php/Anuario/article/view/95/95

PRADO, M. L. Repensando a História Comparada da América Latina. **Revista de História**, n. 153, p. 11-33, 2005.

RALEJO, A. S.; MELLO, R. A.; AMORIM, M.O. BNCC e Ensino de História: horizontes possíveis. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, pp. 1-19, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/er/a/4jVvMMkVMzjLGYRrrBnKnft/#

RAMOS, L. E. **El apoyo de la mujer santiaguera a la lucha contra la tiranía de Batista de 1952-1958**. Trabalho de graduação. Universidad do Oriente, Facultad de Filosofía e Historia: Santiago de Cuba, Cuba, (mimeo) 1984.

RODRÍGUEZ ARECHAVALETA, C. M. Prensa y Estado en Cuba. Aproximaciones a un escenario en transición. **Dixit**, n.34, p.30-47, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.22235/d34.2299

SCHACTAE, A. M. O herói Che: gênero, fotografia e revolução cubana. **Anos 90**, *[S. l.]*, v. 29, p. 1–20, 2022. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/117426. Acesso em: 6 maio 2024.

SCHACTAE, A. M. A Revolução dos Guerrilheiros em Cuba: um estudo de gênero e imagens. **Ponta de Lança**: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 18, n. 34, p. 156–183, 2024. DOI: 10.61895/pl.v18i34.21052. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/pontadelanca/article/view/21052. Acesso em: 25 jul. 2024.

SCHACTAE, A. M. Revolução Cubana: masculinidades e feminilidades. In: Salatino, Alba Cristina C., Serres, Helenize Soares, Silva, Jonathan Fachini (org.). **Historiografia**: temas, desafios e perspectivas – Reunião de textos. [Recurso Eletrônico] II Congresso Internacional de Estudos Históricos Latino-Americanos. São Leopoldo: PPGH-UNISINOS, p. 437-447, 2017.

SCHACTAE, A. M. **Vestir a farda**: masculinidade(s) e feminilidade(s)na Polícia Militar do Paraná. Guarapuava, PR: Unicentro, 2020.

SCHACTAE, A. A Revolução Cubana: representações generificas em um livro didático de História. **Revista Escritas do Tempo**, v. 2, n. 6, out-dez, p. 74-92, 2020. Disponível em: https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1251

SCHACTAE, A. Mulheres Guerreiras: mulheres na guerrilha cubana e a construção da heroína Célia Sanchez. In: MOREIRA, R.; SCHACTAE, A. (org.). **Gênero e instituições armadas**. Guarapuava, PR: Editora Unicentro, p. 189-215, 2016.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise história. **Educação e Realidade**, n. 20, vol. 2, p.71-99, 1995.

SCOTT, J. W. História das mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da História**. São Paulo, UNESP, p. 63-95, 1992.

SCOTT, J. W. Prefácio a Gender and Politics of History, **Cadernos Pagu**, nº 3, 1994, p. 11-27.

SIERRA Madero, A. **Del otro lado del espejo**. La sexualidad en la construcción de la nación cubana, La Habana, Casa de las Américas, 2006.

SÔNEGO, M. J. F. A fotografia como fonte histórica. **Historiæ,** Rio Grande, v. 1, n. 2, p. 113-120, 2010. Disponível em: http://periodicos.furg.br/hist/article/view/2366/1248. Acesso em: 8 nov. 2020.

STONER, K. L. Militant heroines and the consecration of the patriarchal state: the glorification of loyalty, combat, and national suicide in the making of Cuban National Identity. **Cuban Studies**, v. 34, 2003, p. 71-96. Disponível em: https://muse.jhu.edu/article/52439. Acesso em: 20 dez. 2010.

SUÁREZ, E. P.; CANER, A. A. R. **Fidel**: de Cinco Palmas a Santiago. La Habana: editorial Verde Olivo, 2006.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VOLO, L. B. **Women and the Cuban Insurrection:** How Gender Shaped Castro's Victory. New York: Cambridge University Press, 2018.

Sobre os autores

Andréa Mazurok Schactae
Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná, docente e pesquisadora do IFPR e do Mestrado Profissional em História, da UEPG; coordenadora do Grupo de Estudos Cultura, Identidades e Gênero/ CNPQ; atualmente está realizando estágio de Pós-doutorado, junto ao Programa de Pós-graduação em História da UEPG, na linha de pesquisa Instituições e sujeitos: saberes e práticas. Supervisão da Dra. Georgiane G. H. Vazquez.
Contribuição de autoria: autora.
URL do Lattes: https://lattes.cnpq.br/5851600582823373

Como referenciar este artigo

SCHACTAE, Andréa Mazurok. Revolução cubana, gênero e imagens: comparação entre dois livros didáticos (Brasil e Cuba). **Perspectivas & Diálogos:** Revista de história social e práticas de ensino. Caetité, v. 8, n. 15., p. 52-84, 2025.